

7  
DO EXITO

A invenção da máquina teve e tem as mais variadas influencias sobre a vida e creio que a sua influencia sobre a economia, embora a mais evidente, não é a mais significativa. Não resta dúvida que a consequencia economica da máquina é um aumento considerável de produtos ao dispôr da humanidade. Entretanto, o significado dessa riqueza reside na medida pela qual satisfaz a ánsia humana de felicidade, portanto um significado extra-economico. O acumulo de riqueza, o aumento do "living standard", é produto de uma mentalidade, de uma maneira de estimar valores, responsável pela invenção e, mais exatamente, pela utilização da máquina, e característica da idade moderna. Portanto reside o significado da máquina, no próprio campo da economia, em aspectos não economicos. Outras consequencias dessa invenção, mais significativas talvez, são, para dar uns poucos exemplos: a modificação da vida social, enfraquecendo a familia e substituindo-a pela massa mais ou menos amorfa, reorganização da civilização em detrimento da tradição e em favor da rápida mudança, afastamento do homem da natureza e do seu ritmo e sua aclimação ao mundo inorganico, aclimação ainda imperfeita, e assim em diante. Não são, porém, essas as influencias que me interessam hoje, e sim a revolução que a invenção e utilização ampla da máquina causou na maneira de especular, e mais especialmente de filosofar, durante a Idade moderna. Quanto a isto, creio que devemos distinguir tres fases: Na primeira, até inclusive o século 18, a máquina não passava de um produto curioso da inteligência humana, uma especie de brinquedo intelectual que se adaptava admiravelmente a especulações alegoricas. Descartes, por exemplo, considerava os animais como autómatos, (em contraste com os homens), os materialistas do ancient régime consideravam o universo com um perpetuum mobile, isto é como a máquina perfeita do século 18, Leibnitz considerava as mónadas como relógios sincronizados. Isto tudo são alegorias emprestadas ao mundo da mecanica, são imagens que serviam para ilustrar conceitos, são portanto algo pensado, abstrato, não algo vivido. A máquina ainda é estranha e externa ao homem. Na segunda fase, durante o século 19, a máquina passa a influenciar o pensamento filosofico mais profundamente, embora, (e isto é significativo) o faça menos conscientemente. De um lado, do lado direito, o espirito romantico detestava a máquina por razões esteticas, ela era feia, barulhenta e suja. Este ódio semi-conciente é parcialmente responsável pelo antirracionalismo, pelo biologismo, pelo "humanismo" no sentido já discutido que caracteriza o pensamento romantico e postromantico, já que a máquina foi, inconscientemente, identificada com o racionalismo, com algo alheio à vida e com algo deshumano. Teve portanto a máquina uma influencia profunda negativa na formação do espirito da atualidade. De outro lado, do lado esquerdo, a máquina se torna, semiconcientemente, um ideal, também por razões esteticas, numa ironia sutil do Zeitgeist. Dentro da máquina funcionam as leis das ciencias naturais muito mais perfeitamente, isto é muito mais matematicamente, de que na natureza. Portanto são as máquinas intelectualmente mais belas que os objetos da natureza. Na realidade a máquina é o intelecto humano fenomenalizado, e, admirando a máquina, o homem admira um aspecto de seu próprio espirito. Daí este outro "humanismo", o da esquerda que espera conquistar e aniquilar a natureza, substituindo-a por um parque fabril universal funcionando perfeitamente, isto é de acordo com as regras do intelecto humano. Este amor semi-conciente é parcialmente responsável pela megalomania, pela ingenua fé na ciencia aplicada, pelo messianismo e chiliasmo, antireligioso, e pela pseudo-ateismo que caracteriza varias correntes de pensamento post-romantico e pretensamente antiromanticas como o marxismo, o positivismo e outras tendencias pseudocientificas e científicas. Na realidade, evidentemente, essas tendencias são tao irracionais e anticientificas quanto o é o biologismo, desvirtuam a ciencias ditas exatas, enquanto o biologismo desvirtua as ciencias ditas da vida. Isto porque, no fundo, não há tanta diferença entre a direita e a esquerda como quer parecer à primeira vista. Quanto à máquina, ambas começam a conceber ela como vivencia, como aistheton, ambas a vitalizam e, no sentido pagão do século passado, a humanizam. A máquina deixa de ser um fetiche externo ao homem, para fazer parte íntima da situação humana, sendo a um tempo produto e condição da existencia, "Zeug" e "Ding", para falar-mos heideggerianamente. Este processo é ambivalente. Na medida que a máquina adquire característicos humanos, o homem adquire traços de máquina, na medida que a mecanica se vitalisa, a biologia se mecanisa. Não pode portanto surpreender que na terceira fase, a qual mencionarei e da qual quero falar hoje, a direita e a esquerda se fundem para dar origem ao pragmatismo. Biologia e mecanica se casam e procriam o instrumentalismo, Marx e Nietzsche casa, n

Do êxito.

e Nietzsche casam. (se me permitem essa imagem poética, especialmente tendo em mente as fisiognomias desses dois pensadores) e procriam James, socialismo e fascismo casam e procriam Wall Street. Proponho primeiro um rápido rascunho da "Weltanschauung" pragmatista (o próprio James sempre usa essa palavra alemã), para depois analisar, embora superficialmente, esse bastardo. Digo bastardo, porque os casamentos acima referidos não foram celebrados, evidentemente em nenhuma igreja, sinagoga ou templo de Zarathustra. Trata-se de uniões ilegítimas em mais de um sentido.

Começarei com considerações que chamaria de metafísicas, não fosse essa palavra inapropriada neste contexto. A realidade consiste em "experiences", cuja melhor tradução me parece ser "vivências". Estas vivências podem ter, de acordo como as consideramos, aspectos subjetivos, quando então as chamamos "consciência", e aspectos objetivos, quando então as chamamos "coisas". Mas, como insiste James, essa dualidade de aspectos da vivência é ilusória. Na realidade, isto é no curso da nossa vida, as nossas vivências são unas. Para dar um exemplo: quando vejo uma mesa, tenho a ilusão de que essa vivência é resultado de um Eu que vê e uma mesa que é vista, quando, na realidade, acontece o contrário, a saber: Eu e mesa são resultados da vivência neutra e uma "eu vejo a mesa". A clássica divisão das filosofias em materialistas e idealistas é portanto desvendada como ilusória, a matéria não é seno um aspecto da ideia, e a ideia um aspecto da matéria, e ambos são conceitos inoperantes, meros barulhos que "don't make sense" não produzem significado. Isto porque seria absurdo, de acordo com James, supor que existe alguma matéria que não pode ser, pelo menos em teoria, experienciada, nem alguma consciência que nada experimenta. Este é o famoso "monismo neutro" de James, que pode também ser chamado de "pluralismo", já que a realidade é composta de uma infinidade de pequeninas vivências, que são algo entre os átomos de Demócrito e as mónadas de Leibnitz. Desnecessário dizer que estes elementos do mundo, mais tarde chamados por Russell "sense data", parecem, aos olhos dos materialistas, totalmente ideais, e aos olhos dos idealistas, totalmente materiais, digo isto de passagem. Este conceito da realidade como "neutral stuff" "mingau neutro", resulta em uma epistemologia surpreendente. Somos acostumados de considerar o conhecimento como resultado de uma relação entre conhecedor e conhecido, entre sujeito e objeto. Agora, pelo contrário, somos forçados a considerar conhecedor e conhecido, sujeito e objeto, como consequência do conhecimento. O conhecimento, longe de ser síntese, é a própria matéria prima da realidade, sujeito e objeto são ilusões que esta realidade secreta, por assim dizer, no processo da realização de si mesma. Uma consequência ainda mais surpreendente dessa epistemologia é o conceito da verdade que ela acarreta. Somos acostumados de chamar "verdade" a correspondência entre pensamento e realidade, dizemos que um julgamento é verdadeiro quando corresponde, ponto por ponto, com algo a que ele se refere e o qual ele significa. Este conceito agora se torna insustentável, já que não existe dualidade de pensamento e realidade, são dois aspectos da mesma vivência. Portanto não existe ~~uma~~ verdade no sentido epistemológico da palavra, e a frase "conhecimento verdadeiro" "true knowledge" "Doesn't make sense", não produz significado, é um mero barulho. No entanto, a palavra "verdade" tem um significado prático, isto é, somos na prática capazes de distinguir julgamentos verdadeiros e errados. Como os distinguimos? Pelos resultados das ações que baseamos nesses julgamentos. Se uma minha ação tiver êxito, direi que o julgamento no qual me fiei era verdadeiro, em caso contrário direi que era falso. Pelo êxito, isto é empiricamente e praticamente, poderei distinguir verdade do erro, e nunca a priori pela razão pura. Aliás, a palavra "razão pura" doesn't make sense", é um barulho. A verdade é portanto um valor da praxis, daí o nome pragmatismo. Em outras palavras, a verdade é um conceito ético, e nada tem a ver com a epistemologia.

Os julgamentos que formulo podem ser, conseqüentemente, divididos em dois grupos: aqueles que produzem significado, "which make sense" e aqueles que não o fazem. Entre o segundo grupo se situa a maioria das especulações filosóficas do passado. No entanto, pode acontecer que um julgamento até agora nonsense adquira significado e passa para o primeiro grupo. Isto acontece quando descobrimos um novo método de verificação. O progresso do conhecimento portanto não consiste em um aumento de verdade, ou em uma aproximação progressiva para uma pretensa verdade absoluta, mas na expansão do campo das frases significativas e na diminuição do campo do barulho.

As frases significativas são verdadeiras ou erradas (isto é mentirosas, porque aonde a verdade faz parte da ética, erro e mentira são sinônimos), de acordo com o êxito das ações delas decorrentes. A frase "A terra é uma bola" é verdadeira, porque se parto de um lugar indo sempre na mesma direção voltarei ao ponto da partida. A frase "esta água é potável" é errônea, porque se a beber, ficarei doente. A frase "Jesus morreu na cruz para expiar os nossos pecados" é verdadeira, porque me torno feliz se viver de acordo com ela. As perguntas da forma: "É a terra realmente redonda, é a água realmente potável, é Jesus realmente o salvador" não passam de barulhos. A verdade não é a meta da frase, e sim o seu teste. Isto porque a frase é consequência do meu pensamento, e o meu pensamento é consequência da minha vivência, e minha vivência é a meta para si mesma. Em outras palavras, o pensamento é um instrumento da minha vivência, daí a palavra "instrumentalismo". Sendo a vivência meta para si mesma, tudo lhe é subordinado e é bom, quando lhe serve, e mau, quando lhe prejudica. O meu pensamento é um instrumento da minha vivência, como o é o meu braço ou meu estômago, e quando funciona bem, isto é quando serve, então é verdadeiro. Neste sentido posso dizer que meu estômago diz a verdade, quando fala "fome!" depois de um dia de jejum, e diz mentira, quando fala "fome!" em consequência de uma úlcera. Creio que este é um perfeito exemplo do conceito pragmatista da verdade.

Na base desse conceito constroí James aquilo que chama a sua religiosidade. Diz ele que existe uma vivência que se chama "will to believe" (vontade de crêr), e esta experiência acompanha, por assim dizer, todas as outras. Essa vontade de crêr é aquela que liga as diferentes vivências entre si e forma, se bem entendo James, o éo ente as vivências que se chama o Eu. Pois bem, as religiões são verdadeiras na medida que servem a essa vontade, e a verdade das religiões pode ser testada pelos efeitos que produzem. James diria que Jesus era pragmático ao dizer: "Deveis conhecê-los por seus frutos". A religião protestante é a mais verdadeira, porque hic et nunc serve melhor à vivenciada vontade de crêr, o que pode ser observado pelo êxito que essa religião está alcançando. De passagem quero chamar a sua atenção à frase que acabo de pronunciar: mais verdadeira. A verdade, dentro deste contexto, é algo relativo, e frases como: Mais ou menos verdade tem um significado perfeito, they make sense. Podem observar como a lógica aristotélica está sendo superada.

Lançando um rápido olhar sobre o mundo dos pragmatistas, verificamos que os preconceitos biológicos e mecanistas que lhe servem de base são de tal forma recalçados que James, Pierce, Schiller etc. os teriam negado, se interpelados. Entretanto, parece-me evidente o seguinte: O will to believe corresponde à vontade de Schopenhauer e Nietzsche. A expansão da realidade e o aumento do campo de frases significativas correspondem a Darwin. Posso dizer que entre as frases existe um "struggle for life" e um "survival of the fittest". Todo conceito da ~~humanidade~~ realidade é radicalmente humanizado no sentido dos filósofos da vida, já que a realidade se passa, toda ela, dentro daquilo que a filosofia antiga teria chamado de "consciência", embora agora saiba, que esta palavra não passa de um barulho. Esta circunstância faz com que F.C. Schiller chame o pragmatismo de verdadeiro humanismo, isto é um humanismo que tem êxito. Isto quanto ao biologismo do pragmatismo. De outro lado não é menos evidente que a epistemologia pragmática, curiosamente parecida com a epistemologia explícita no marxismo e implícita no nietzscheísmo, concebe o espírito humano como máquina que produz conhecimento. A vida como um todo é concebida mecanicamente, ela consiste em vivências que funcionam, e cujos produtos podem ser testados. O pensamento humano não passa de um voltmetro que indica e registra o funcionamento da máquina da vida, que é idêntica com a máquina da realidade. Acho, portanto, que o pragmatismo é um perfeito exemplo de uma síntese entre o biologismo e o marxismo, englobando e superando a ambos. Evidentemente trata-se de uma síntese que o marxismo nunca poderá aceitar como válida, diga se de passagem.

A influência do pragmatismo sobre a nossa geração é tremenda. Não tanto no campo da filosofia, porque o fato de relegar quase todos os problemas da filosofia ao campo do barulho torna o pragmatismo antipático aos filósofos profissionais, que o desprezam também por ser "americano". Considerem, entretanto, a influência do pragmatismo sobre a prática científica a qual, graças a ele, passa, principalmente nos Estados Unidos, das teorias generalizadas a uma série de "working hypotheses" e aos inúmeros testes. Considerem a sua influência sobre a educação, com seus testes, IQ

é sabatinas. Considerem a sua influencia sobre o nosso conceito da democracia como procura continua de uma sociedade não perfeita, mas sempre mais satisfatória e de êxito sempre mais amplo. Considerem a sua influencia sobre a nossa arte funcional e sobre o nosso conceito do belo como algo que produz efeito. Diria que o pragmatismo é a tendencia que mais êxito teve na formação da mentalidade da nossa geração, e é, portanto, do ponto de vista pragmatico, a mais verdadeira entre todas as filosofias.

Eu disse que o pragmatismo supera tanto o biologismo como o marxismo, e creio que este avanço pode ser melhor avaliado pelo clima que o pragmatismo gera. É ele alheio ao fanatismo dogmatico de ambos os seus parentes, desenvolve uma atitude empírica, hipotética, experimental, um "open mind", portanto uma tolerancia desconhecida "in the old country". O irracionalismo fundamental que o pragmatismo partilha com Marx e Nietzsche, toma formas de um empirismo radical, ao emvez de se cristalizar como ética inconfessa, no caso de Marx, ou como sentimentalismo bestial no caso de Nietzsche. Em geral, o clima do pragmatismo é muito mais científico e, a despeito de não ser tao chiliastico, é na realidade muito mais progressista. Por não ser dogmatico é o pragmatismo incapaz de uma construção de um sistema, mas não precisa dele. O fascismo e o marxismo precisam ser consistentes, mas o liberalismo pragmatico pode permitir-se perfeitamente inconsistências, desde que funcionem. Em conclusao, entre as tres formas predominantes atualmente no pensamento ético e político é o pragmatismo o mais aceitavel, por ser o menos pernicioso.

Entretanto creio que o pragmatismo é uma filosofia profundamente insatisfatória e, no fundo, tao perigosa para os valores tradicionais do Ocidente, quanto o são o marxismo e o existencialismo. Em primeiro lugar porque degrada esses valores a meros instrumentos do êxito, e porque degrada o homem a algo que funciona. Desconhece ou quer esquecer tudo aquilo que parece ser importante na vida, como seja valores que ultrapassam o temporário, valores eternos, em breve. É uma filosofia, morna, superficial e portanto pouco significativa, it doesn't make much sense. Trata-se, na realidade, da mais irreligiosa de todas as filosofias da atualidade. Marx pretende ser ateu, Nietzsche pretende ter matado Deus, mas ambos são, na realidade, pensadores religiosos. O seu furor antireligiosos o prova. James pretende ser protestante fervoroso, e pensa que a maior contribuição do seu pensamento é para uma renovação religiosa. Na realidade é ele sem nenhum talento religioso, para ele Deus é uma working hypothesis em certas circunstancias perfeitamente dispensável. Toda a religiosidade do pragmatismo é profundamente hipocrita, o que sentimos, creio, perfeitamente ao observarmos a vida religiosa nos Estados Unidos, comparada, por exemplo, com o fervor religioso do partido comunista. Sou da opiniao que com o pragmatismo afastou-se o espirito Ocidental mais extremamente de suas bases, e que, daqui em diante, está retornando a elas. Creio que James marca um ponto extremo do desenvolvimento do nosso pensamento, e de que tudo aquilo que segue James é uma primeira volta do pêndulo para a direção oposta. A tolerancia e o antidogmatismo do pragmatismo escondem o fato de ser ele o mais radical, o mais progressista, em fim o mais moderno de todos os pensamentos da atualidade.